



Foto Sérgio Falci - Telefoto Estado

Foto de Tancredo, em todas as janelas

S. João mantém a fé na saúde de Tancredo

JOSÉ MARIA MAYRINK
ENVIADO ESPECIAL

A mulher abre a janela do casarão e, antes de reparar no movimento da manhã de sexta-feira, fica olhando triste a fotografia de Tancredo Neves que, desde a campanha eleitoral, cobre a sua vidraça. Os pequenos alunos da Escola Estadual Maria Tereza sobem as escadarias da matriz e vão fazer mais uma hora santa, invocando a proteção de São José, o padroeiro da boa morte. E lá no alto da igreja de Nossa Senhora das Mercês, palco anual da cerimônia do descendimento da cruz na Semana Santa, o zelador Manuel das Mercês (o sobrenome é uma herança da devoção do pai) observa o casario de sua cidade, falando da chuva que vem da serra e da doença do dr. Tancredo, que tantos sustos tem passado nos seus contêrreos.

São João del Rey amanheceu meio silenciosa e ainda mais preocupada, como se isso fosse possível, depois da crise cardíaca de quinta-feira e das alarmantes notícias da madrugada — ameaças cada vez mais concretas à inabalável esperança de seus 80 mil habitantes. Muita gente correu às novidades dos dois jornais murais (quase tudo repetição do que diz o rádio de fora, porém de indiscutível credibilidade), mas há muitos que não querem saber de ler, ouvir nem ver mais nada. O zelador Manuel das Mercês, por exemplo.

“Não estou vendo mais televisão — diz ele — porque a gente está sempre assustado. Uma hora tá bem, outra hora não tá. Quem pode garantir? Prefiro ser otimista e até acho que o dr. Tancredo não está tão grave assim. Estão é agourando ele.”

Duzentos metros abaixo, nas escadarias da matriz do Pilar, a catedral da diocese, Maria da Conceição Coelho, de 63 anos, relembra os cinco em que trabalhou de empregada na casa da família Neves: “O dr. Tancredo gostava de correr em volta da piscina e sempre repetia que onde ele pisasse jamais ia correr sangue. Não será o que ele está fazendo agora? Quem sabe não está governando o mundo todo, lá de onde ele está? Nunca vi o povo tão unido em São João Del Rey. E olhe que essa terra nunca foi de ter muita união. Até quem não gostava do dr. Tancredo está rezando por ele”.

Eram 3 horas da tarde e, mais ainda que nos outros dias, a matriz de Nossa Senhora do Pilar estava cheia de gente. As crianças da Escola Estadual Maria Tereza revezavam-se em grupos de três classes — 35 alunos em cada uma — para recitar ladainhas e repetir piedosas e singelas invocações. “Azul é teu Manto, bran-

co é teu véu, mãezinha eu quero te ver lá no céu” — cantavam elas de manhã, como costumam cantar todas as crianças nas igrejas do interior de Minas. E à tarde lá estava outra turma, agora para pedir a proteção de São José, uma invocação repetitiva e insistente, quase um grito de desespero: “Meu glorioso São José, nas vossas maiores aflições e tribulações, um anjo não vos valeu? Valei-me, São José, valei-me, São José...” A professora Irene dos Santos puxava o canto e as invocações, as crianças iam respondendo.

Na casa de Octávio de Almeida Neves, o irmão mais velho do presidente, a rotina de um homem de 79 anos que todas as manhãs faz sempre as mesmas coisas não foi a mesma nessa sexta-feira. Ele apenas passou pela diretoria do Hospital de Nossa Senhora das Mercês e voltou mais cedo para seu apartamento, pegando carona de carro, em vez de caminhar a pé pelo centro de São João del Rey, como gosta de fazer. Não recebeu ninguém a manhã inteira e, depois do almoço, deu apenas uma olhada pelas páginas do jornal, tomando sol junto à janela do oitavo andar.

“Como estão as coisas hoje?” — perguntou ele à sobrinha Carminha Neves. E ficou tranqüilo ao saber que a crise da véspera havia sido controlada e que nada havia de alarmante naquela hora. A família Neves telefona sempre para o Instituto do Coração e não se assusta com o noticiário do jornal ou da televisão. Carminha está sempre repetindo que os Neves mantêm sempre a esperança, mesmo quando a situação se agrava, pois é aí que está a sua força. Suas palavras e sua coragem, ontem de manhã, numa cidade triste e mais preocupada: “Se Deus está fazendo assim com ele, é porque está preparando alguma coisa. Não vai ser fácil, mas não vejo Tancredo Neves morto. Como diz o tio Octávio, é bom a gente estar preparada para o pior, mas esperamos o melhor. Aconteça o que acontecer, queremos ter esperança sempre”.

Às 16h30, quando o céu ainda estava muito nublado, depois de uma manhã de chuvas, um avião T-25 (monomotor de treinamento da Força Aérea Brasileira) começou a sobrevoar o quartel do Batalhão do Exército, fazendo vôos rasantes sobre o centro da cidade. Ninguém entendia o significado de suas evoluções. Apenas uma exibição ou vôo de reconhecimento? Mas todos olhavam o céu com admiração e curiosidade, enquanto o pequeno avião sumia para os lados de Barbacena, sede de uma escola de cadetes da Aero-náutica.